



Avença
Proprietário: Dr. Ernesto Lacerda

Orgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria
Director e Editor: Dr. Joaquim Alves Tomé Morgado

10 de Junho de 1966
Chefe da Redacção: Prof. A. Paula Santos

ANO XIV — REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL - FIGUEIRÓ DOS VINHOS - TELEFONE 7 — N.º 323

A PALAVRA DE SALAZAR

Nº já histórico discurso pronunciado em Braga pelo Presidente do Conselho este referiu-se mais uma vez ao Ultramar Português. Foi principalmente quando disse com a sua habitual e já característica clareza:

« A Revolução do 28 de Maio herdou as consequências da primeira Grande Guerra, sofreu os duros embates da crise económica dos anos 30, suportou as delicadas dificuldades da guerra de Espanha de 36 a 39, e, embora em situação de neutralidade no grande conflito mundial que se estendeu de 39 a 45, teve de sofrer as limitações e perigos que o mesmo envolvia. Nesse período os distritos atlânticos e as províncias ultramarinas houveram que ser defendidos, com ocupações maciças, dos riscos que os espreitavam. Sofreu-se a seguir da penúria e desorganização económica da Europa e dos outros continentes, e poucos anos depois começámos a ser flagelados pelas ondas terroristas vindas de países vizinhos a invadir Angola, a Guiné e Moçambique. A concepção oficial da Europa acerca do destino dos territórios de que era soberana além-mar vieram a conciliar-se de modo estranho com a política de subversão no mundo; e o desencontro dos nossos conceitos, quanto à defesa do Ocidente, fez eclodir contra nós a mais virulenta, vasta e persistente campanha internacional que alguma vez se viu um pequeno país sofrer da parte daqueles que se julgaria deverem defender a mesma causa ».

Noutro passo, o Presidente do Conselho acentuou ainda, referindo-se ao Ultramar:

« E se formos capazes de constituir com todo o Ultramar o espaço económico português, como ficou prescrito na Constituição de 33 e há alguns anos vimos pacientemente estruturando, teremos diante de nós mais do que aquilo com que os nossos avós sonharam, porque lançámos na verdade uma grande obra, esta ao nível da Nação. Nem se compreenderia o esforço que actualmente fazemos no Ultramar, aliás em seguimento da grande geração que procedeu à ocupação no final do século passado, se esse esforço não tivesse um sentido ao mesmo tempo económico e político e se a geração do 28 de Maio não fosse capaz de defini-lo apresentando-o às outras gerações para o executarem na sua plenitude. Ai estão uma preocupação e uma tarefa, capazes de substituírem-se a todos os enervamentos e dúvidas e ansiedades da nossa mocidade de hoje, pois que rasgámos horizontes vastos a uma vida que lhe vale a pena viver ».

E depois de recordar alguns dos grandes heróis construtores do nosso Ultramar no passado, como Capelo e Ivens, Mousinho, António Enes, Caldas Xavier, Aires de Ornelas, Azevedo Coutinho, Paiva Couceiro e tantos outros apoiados na Coroa e servidos pela arraia miúda, Salazar pôs termo às suas históricas declarações, saudando os muitos milhares de heróis anónimos que se batem no nosso Ultramar pela integridade da Pátria.

SENA

Grémio Nacional da Imprensa Regional

Concurso de Artigos

Termina em 30 de Junho a entrega dos trabalhos destinados ao Concurso de artigos sobre temas sociais e corporativos promovido pelo Grémio Nacional da Imprensa Regional em colaboração com a Junta de Acção Social do Ministério das Corporações e Previdência Social.

Podem habilitar-se a este concurso os trabalhos publicados nos jornais agremiados naquele organismo corporativo entre 1 de Janeiro a 30 de Junho.

Para este efeito, os autores interessados deverão enviar 6 exemplares dos jornais em que se publica o artigo ou reportagem com que concorrem para a sede do Grémio Nacional da Imprensa Regional, na Avenida Almirante Reis, n.º 100-4.º Frente, Lisboa-1, acompanhados de carta ou postal de inscrição no concurso, cuja assinatura corresponda ao nome do autor dos trabalhos.

Serão atribuídos aos artigos de doutrina social e corporativa quinze prémios, sendo o primeiro de 3000\$00, o segundo de 2000\$, o terceiro de 1500\$00, o quarto de 1000\$00, o quinto de 800\$00, do sexto ao décimo 500\$00 e do décimo primeiro ao décimo quinto 300\$00.

Com o objectivo de fazer participar mais estreitamente a Imprensa Regional, na Acção de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais em curso, a Junta da Acção Social oferece ainda um prémio de 2000\$00, ao autor da reportagem de acidentes de trabalho ou doenças profissionais que melhor interprete o espírito de segurança relativo ao caso descrito sem prejuízo das exigências daquele género literário. Caso esta reportagem obtenha aprovação dos técnicos competentes será radio-difundida em montagem especial.

O jornal que tiver publicado o artigo classificado em primeiro lugar receberá um prémio de 3000\$00, assim como será atribuído ao jornal que publicar a reportagem atrás referida um prémio de 2000\$00.

Inquérito Industrial

Nos termos da alínea a) do art.º 12.º do Decreto-Lei n.º 46925, de 29 de Março de 1966, todas as unidades industriais existentes em 31 de Dezembro de 1964, neste concelho, se encontram sujeitas a um inquérito industrial que o Instituto Nacional de Estatística vai realizar, o que implica para o industrial a obrigatoriedade de prestação de informações verdadeiras.

Os agentes inquiridores encarregados de levar a cabo o inquérito auxiliarão,

IMPONENTE MANIFESTAÇÃO DE VITALIDADE REGIONALISTA

na Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos

ASSIM SE PODE- RÁ CLASSIFICAR, JUSTIFICADA- MENTE, A COME- MORAÇÃO DO SÁRIO DESTA PRESTIMOSA CASA REGIONAL 29.º ANIVER-

Ao entrar no seu trigésimo ano de preciosa existência, esta importante colectividade regionalista, fundada há 29 anos, comemorou condignamente o seu aniversário.

A Direcção deste organismo não se poupou a esforços para que tudo decorresse com aquele brilho confirmativo da posição de relevo que tem sabido manter, no movimento regionalista do País, para honra da encantadora região que representa.

Estão de parabéns os dirigentes desta Casa da Comarca. Conseguiram atingir o seu objectivo. Ao convidarem os presidentes dos municípios dos três concelhos da comarca, tiveram uma ideia feliz. O Sr. Dr. Henrique de Lacerda, digno presidente da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos, e o Sr. José Francisco Diniz, da Câmara Municipal de Castanheira de Pera, foram os dois mensageiros, prestigiosos e simpáticos, das saudações de toda a comarca, constituída por três concelhos — Figueiró dos Vinhos, Castanheira de Pera e Pedrógão Grande. A sua presença ao almoço, realizado no último domingo de Maio, foi motivo de grande alegria para todos. A numerosa assistência tributou-lhes as mais inequívocas demonstrações de carinho, extensivas também a todos os povos da comarca que eles representavam. Eles devem ter levado daquela manifestação regionalista as mais gratas recordações, mas também podem ter a certeza de que conquistaram um lugar escolhido no coração de todos os seus conterrâneos que tão calorosamente os ovacionaram.

A representação das agremiações congêneres, cujos estandartes faziam parte da decoração em volta da sala, muito contribuíram também para a grandiosidade daquele ambiente festivo, tão inteligentemente preparado pelos dirigentes da colectividade.

de todos os modos possíveis e sempre que os industriais o desejem, o preenchimento do boletim do inquérito industrial.

O art.º 13.º do Decreto-Lei acima aludido, garante o absoluto segredo das declarações prestadas, que em caso algum poderão ser utilizadas para fins fiscais.

A mesa de honra foi colocada no palco, artisticamente decorado, destacando-se em lugar apropriado a bandeira colectiva, na qual sobressaía esta legenda: — « Unidos somos uma força ».

O lugar da presidência foi destinado ao Sr. Dr. Jorge Godinho Ferreira, prestigioso presidente da Assembleia-Geral. Ladeavam-no os dois convidados de honra Dr. Henrique de Lacerda e José Francisco Diniz. À sua direita o Dr. Herlander Machado, e à esquerda José Francisco Alves, antigo e actual presidente da Direcção, respectivamente.

Cerca de uma centena de convivas tomaram lugar numa longa mesa, quase a todo o comprimento da sala, havendo ainda uma mesa separada onde tomaram lugar os representantes da imprensa.

Na altura dos brindes falou, em primeiro lugar o presidente da Direcção, Sr. José Francisco Alves, seguindo-se-lhe os Sr. Eng.º Rogério da Fonseca, representante da Federação das Sociedades de Cultura e Recreio; Eduardo Fernandes de Mato, da Casa da Comarca de Arganil; Mário Trindade, fundador da Casa das Beiras em Lourenço Marques; José do Carmo, da Casa do Algarve; Joaquim Nunes, da Casa da Comarca da Sertã; António Tibaldo, da Sociedade da Matinha; Dias Pereira, pela imprensa regional, A'lvaro Francisco dos Reis, prestigioso dirigente da colectividade em festa; Isidro Mendes de Matos, da Casa Regional de Ferreira do Zêzere; Mário de Oliveira, pela imprensa diária; Dr. Henrique de Lacerda, digno presidente da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos; José Francisco Diniz, prestigioso presidente do município de Castanheira de Pera, Dr. Herlander Machado, fundador e principal impulsionador do Rancho Folclórico «Neveiros do Coentral» e, finalmente, o Sr. Dr. Jorge Godinho Ferreira, que teve palavras de muito apreço para com os representantes dos municípios de Figueiró e Castanheira, aos quais apresentou o testemunho da sua gratidão, por terem honrado aquela festa com a sua presença.

Aos representantes das Casas Regionais agradeceu também a sua anuência ao convite para

(Continua na 4.ª página)

Cuide da higiene e segurança do seu lar! — USE as superbombas, insecticida e perfumada para fulminar, radicalmente, moscas, mosquitos, formigas, vespas, pulgas, baratas, aranhões, percevejos e toda a gama de perigosos insectos:

CATCH — NÉOCIDE

SHELLTOX, com vaponas

No seu próprio interesse visite a → **DROGARIA GRANADA**

Figueiró dos Vinhos
TELEFONE 135

Atenção, Srs. Lavradores!

Tenho ao vosso dispor os melhores produtos para o combate ao mildio e outras doenças das vinhas e batatais, tal como o **Enxofre Albert** e os produtos mais avançados para o extermínio do ESCARAVELHO DA BATATEIRA, como o **Novisox** ou **Neveral**.

Manuel Alves da Piedade
Médico

CLINICA GERAL
Telefone 98 FIQUEIRÓ DOS VINHOS

Luis Frias Fernandes
Médico

DOENÇAS DAS CRIANÇAS — CLÍNICA GERAL
TELEFONE 38 FIQUEIRÓ DOS VINHOS

MARIA AMÉLIA DOS SANTOS ALVES
MÉDICA

Doenças da boca e dentes

Consultas às 2.^{as}, 4.^{as} e sábados das 9 às 12 horas e 5.^{as} e sábados das 15 às 18 horas.

Telefone 98 FIQUEIRO DOS VINHOS

TRILHO Y BLANCO
MÉDICO-ESPECIALISTA

Ouvidos-Nariz-Garganta

Consultas no Hospital de Figueiró dos Vinhos, nas 1.^{as} e 3.^{as} quartas-feiras de cada mês, às 9h 30m.

Elias Tavares Cravo
MÉDICO-ESPECIALISTA

Doenças dos olhos - Operações

Consultas no Hospital de Figueiró dos Vinhos, no 1.^o e 3.^o sábado de cada mês, às 9h 30m.

COBRANÇAS DIFÍCEIS

trata José Pereira Esteves, em Lisboa e Província.

Travessa dos Arneiros, 15 r/c, Esquerdo — Lisboa-Benfica, telefone 700491.

TERRABELA-HOTEL

UM DOS MELHORES DA PROVÍNCIA
INSTALAÇÕES MODERNAS

BAR — CAFE — RESTAURANTE — BILHARES

Serviços de Casamentos e Baptizados

PREÇOS ESPECIAIS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS
Telefone PBX — 50

Ourivesaria Lourenço

ELECTROBOMBAS PARA TODOS OS FINS
Agência PHILIPS - SIERA - PONTO AZUL - NATIONAL - BOSCH



GRAVADORES
DICTAFONES

TELEFONE 105

FIGUEIRO DOS VINHOS

Encarrega-se de todos os concertos em RÁDIO e TELEVISÃO

Assine este JORNAL

O MELHOR PÃO-DE-LÓ
É O DA

CONFEITARIA Santa Luzia

DE *A. C. Campos*

TELEFONE 129

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

M. TEIXEIRA

SUCESSOR DE

Soç. Comercial Figueiroense, L.da
(ANTIGA PRISTA)

Telefone 81

FERRAGENS E TINTAS & AGENTE DA «ROBIALAC»

Correspondente do Banco Pinto de Magalhães, L.da

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Máquina de costura Singer

Cose e borda. Vende-se por 2200\$00 como nova, com garantia por 10 anos.

Também vende outras marcas à escolha do cliente.
Irolinda Nunes Curado—
Figueiró dos Vinhos.

TELEFONE
P. P. C. 50



Marca Registrada N.º 107.738

SEGUROS

Efectuam-se de Pinhais e em todos os ramos.

JOAQUIM DE MATOS PINTO
Figueiró dos Vinhos.

Leia e divulgue este Jornal

PROPRIEDADE Vende-se

óptimamente situada, ao Bairro Teófilo Braga, com frente para a Estrada Nacional.

Possui pequena casa de habitação e terrenos anexos com árvores de fruto.

Sujeita à melhor oferta. Informa esta Redacção.

MINERVA CENTRAL
TIPOGRAFIA
MINERVA CENTRAL

Executa com a maxima perfeição todo o género de trabalhos tipográficos. Modicidade de preços.

Telefone 7

Figueiró dos Vinhos

Há 100 anos DUNANT fundou a Cruz Vermelha

Carregai, carregai...

Entre uma nuvem de pó os soldados franceses atacam. Tambores e trombetas reanimam as energias. Para se encorajarem os soldados avançam aos gritos e clamores.

São 150 000, franceses e sardos que, a 23 de Junho de 1859, atacam, junto de Solferino, 200 000 austríacos.

Napoleão III quer expulsar o imperador Francisco José da Itália, e o recontro é terrível e sangrento. Já não é um combate, mas uma carnificina. A vanguarda francesa é ceifada pela metralha austríaca. Os sobreviventes continuam a avançar, passando por cima dos mortos.

A seguir combate-se corpo a corpo. Defendem-se com as coronhas das espingardas, com as mãos, com os pés e com pedras.

Depois de doze horas de combates encarniçados, a resistência austríaca desmorona-se. O campo de batalha transformara-se num lodaçal por causa duma tempestade de rara violência. 40 000 homens feridos, jazem no chão, a gritar por socorro e que lhes dêem ao menos um pouco de água para beber. Mas os serviços de socorro de Napoleão apenas se podem ocupar de 3000 homens. Os cirurgiões cortam e operam incessantemente. A cada momento levam-lhes novas remessas de moribundos. Há ali rapazes de vinte anos... vidas em flor... No dia seguinte serão mutilados que se darão por felizes se escaparem com vida.

Um homem de negócios no campo de batalha

No meio deste terrível espectáculo, um homem chama a atenção pela sua presença. Com capacete colonial na cabeça, envergando uma longa bata e de cola-

rinho postiço anda por entre os feridos.

Os soldados não prestam atenção a este desconhecido, pois não estão acostumados nem gostam de ver civis a tratar dos seus negócios. Este enfermeiro atencioso, com todas as aparências dum parisiense em férias, chamava-se Jean-Henri Dunant. Tem 31 anos. É um sulço, natural de Genebra, filho duma abastada família de comerciantes.

Se se encontra em Solferino naquele dia, não é para socorrer os feridos mas por causa dos seus negócios. É que tem muita imaginação e quer fazer fortuna em Argel. Já efectuara algumas vendas, mas uma má administração levava-o quase à falência. Precisava de novas concessões para se refazer, e só Napoleão III lhe poderia conceder. Era por isso que ali se encontrava tendo percorrido várias dezenas de quilómetros para se avistar com o imperador.

Mas o acaso quis que ele chegasse no dia da batalha e que o homem de negócios, posto entre a espada e a parede, descobrisse outra vocação. O sangrento e lastimoso espectáculo de Solferino perturba-o.

Com alguns homens válidos, sem recorrer à autoridade militar, organiza equipas de socorro. Depressa se impõe e seduz. Em poucas horas, trezentos voluntários encontravam-se sob as suas ordens. O genebrino não olha para a cor do uniforme, cuidando indistintamente — mesmo que isso desagrade a alguns oficiais — tanto dos franceses como dos austríacos. Um soldado ferido é

apenas uma grande vítima.

Em Castiglione, próximo do campo de batalha, 500 soldados são deixados pela intendência, na igreja. Dunant vai em seu auxílio. Atende primeiro os mais necessitados, toma um balde de água e com um pano humedecido refresca-lhes as feridas.

Algumas mulheres imitam o seu exemplo. Dois turistas ingleses, que presenciam a cena sentem-se igualmente atraídos por aquele acto humanitário. E um jornalista, que viera para fazer a reportagem, deixa a pena para ajudar os feridos. Dunant consegue que lhe concedam alguns austríacos prisioneiros como enfermeiros.

Organizar um corpo de voluntários da paz

Durante três dias e três noites, Dunant trabalha sem cessar. Demasiado enervado para comer ou dormir, vive como um autómato. Mas nem por isso se esqueceu do fim por que ali fora: falar com o imperador. Interrompendo o seu trabalho decide, apesar de cansado, ir ter com o vencedor a Solferino. Vai primeiro falar com o general Mac-Mahon que conheceu em Argel, o qual lhe dá uma carta de recomendação. Dunant chega ao albergue onde está o imperador, mas Napoleão III está em conferência e tem mais que fazer do que receber um desconhecido, mesmo que este lhe tenha dedicado um livro muito elogioso, comparando-o a Carlos Magno. E Dunant volta para o jumento dos soldados em Solferino.

Voltando para a sua terra natal tem um fim em vista. O mundo deve saber do espectáculo que presenciou em Solferino. É preciso fazer alguma coisa para evitar que se renove uma tal carnificina. Dunant mete-se à obra. Escreve um relato do que se passou em Solferino, conta a sua experiência e propõe sugestões.

Pede que um acordo internacional permita a protecção dos feridos. Pede, entre outras coisas, que corpos de voluntários se organizem, se preparem, em tempo de paz, para levar socorros às vítimas das guerras futuras.

Em Novembro de 1862, Jean-Henri encontra M. Goustave Moynier, doutor em direito, presidente duma obra filantrópica a «Sociedade Pública Genebrina». Moynier é um homem positivo. O projecto de Dunant interessa-o, apesar de desconfiar deste «sonhador».

As coisas precipitam-se: a 7 de Fevereiro de 1863, cinco genebrinos, entre eles um general, têm uma reunião. Dunant propõe as linhas gerais. Pretende alcançar a neutralidade dos enfermeiros, a internacionalização da sua instituição.

«O que é preciso, em primeiro lugar, diz um dos presentes, é agitar a ideia, ou por outras palavras, agitar a opinião pública, alertá-la».

Dunant está fadado para isso. Mau advogado nos seus negócios, é exímio na defesa das suas ideias generosas. Vai a Paris a pedir de novo audiência ao imperador e desta vez consegue-a.

«Prossiga, diz-lhe Napoleão III; eu ajudá-lo-ei... Mas evite certos meios militares que procurarão desanimá-lo».

Entretanto, em Genebra, Moynier redige relatórios. Os «cinco» aproveitam reuniões e congressos internacionais para mover a opinião, obter o auxílio dum príncipe ou a aprovação dum ministro. E a 22 de Agosto de 1864, chega a vitória que o apoio de Napoleão III, tornou mais fácil. Uma conferência internacional reconhece o princípio de neutralidade das ambulâncias e do pessoal sanitário. Nesse dia, nasceu oficialmente a Cruz Vermelha.

No entanto, Dunant, vê-se afastado da conferência em que Moynier assume o lugar principal.

Os negócios continuavam a correr-lhe mal. Em 1870 sentia-se velho, cansado e arruinado. Os seus investimentos em Argel acabaram em catástrofe. O tribunal de Genebra condenou-o severamente e, sob a pressão de Moynier, teve de dimitir-se da Cruz Vermelha. Sem recursos, vive numa água furtada, em Passy.

Entretanto, rebenta a guerra entre a França e a Prússia. A Cruz Vermelha rejeitara-o. Não importa. As convenções assinadas em Genebra continuam a existir e Dunant recupera o entusiasmo anterior.

Os Prussianos cercam Paris devastada por partidários da Comuna e Republicanos.

Pouco importa o regime. Dunant cuida dos soldados da floresta de Bondy que dormem sob as tendas a 23º negativos. Pede roupas, pensos. Nos salões do seu hotel, acumulam-se vestidos de lã, casacos e cobertores.

Ele está em toda a parte. Chega-se a desconfiar que se trata dum espião por causa das suas ideias antimilitaristas. Mas ele não se perturba.

Só, ignorado, quase esquecido...

Em 1874, deixa a França e vai para a Inglaterra onde trabalha a favor dos prisioneiros de guerra. Atormentado pela miséria, muitas vezes toma uma só refeição. A alta sociedade recebe-o, admira-o, mas ignora a sua solidão. Julga-se perseguido. Refugia-se então nos sonhos e projectos tão grandiosos como irrealizáveis.

Durante quase vinte anos viaja por vários países da Europa, fazendo ora aqui, ora acolá, conferências, vivendo da caridade, fugindo dos credores que não chega a satisfazer. Mas a Cruz Vermelha continua a existir e a prosperar. A 30 de Abril de 1892, com a idade de 64 anos Dunant instala-se na Suíça em casa dum amigo, numa casa de saúde.

Um jornalista foi um dia entrevistá-lo, mas recusa-se a responder. O jornalista insiste, e Dunant cede. A conversa dura várias horas. O artigo aparece na Suíça, depois na Alemanha, ilustrado com um retrato magnífico. Em poucos dias, Dunant torna-se um homem célebre. Pobres, e príncipes escrevem-lhe a dar-lhe os parabéns. Genebra lembra-se também do seu filho pródigo e afluem de toda a parte dinheiro e presentes. A 10 de Outubro de 1901, nove anos antes da sua morte, Dunant, o esquecido, recebe o prémio Nobel da Paz.

F. BOITEL

Visado pela Comissão de Censura

Pagamento de assinaturas

Tiveram a gentileza de actualizar o pagamento da assinatura de «O Norte do Distrito» os nossos amigos e Senhores:

Joaquim Simões Lopes, residente em Pêso — Pedrógão Grande;

José da Silva Mendes, comerciante, em Fontão Fundeiro;

José Lopes Barreto, proprietário, de Vila Facaia;

António Nunes Fernandes, proprietário, morador em Mór Grande;

Eugénio Simões, residente em Agria;

Álvaro da Conceição Caetano, residente em Moscaide;

Fernando da Conceição David, morador em Marinha — Graça;

João Dias Vitorino, residente em Bairradas; e

António Lopes, proprietário, de Arega.

A todos os nossos melhores agradecimentos.

O General PETAIN

Philippe Petain foi um oficial ilustre do Exército Francês.

Nasceu em Cauchy-la-Tour (Pas de Calais), em 1856 e faleceu em 1954.

Vida longa, acidentada, discutida e terminada como uma tragédia grega, despedida de todas as honras que merecera bem merecidas como lhe haviam sido prestadas. Depressa se distinguia na primeira guerra mundial. Em 21 de Fevereiro de 1916 o Kronprinz Frederico-Guilherme, depois duma formidável preparação de artilharia, lançou uma tremenda ofensiva contra Verdun e sua região. O exército francês, mal preparado, recuou. O generalíssimo Joffre, mandou o general Castelnau à frente apreciar a situação e tomar as disposições necessárias. Castelnau conhecia Petain e nomeou-o imediatamente comandante daquele sector da frente. E logo a situação melhorou. Recuperaram-se posições: Douamont e outros fortes voltaram à posse dos franceses e foram rearmados e postos em condições de defesa, que de vez em quando se convertia em ofensiva. A batalha de Verdun continuou com flutuações, mas nunca mais os alemães tiveram êxitos decisivos.

Contra a resistência por Petain organizada em Verdun se esbarronou a flor das tropas do Kaiser. No fim de Outubro a ofensiva alemã parou. O prestígio de Petain era imenso.

Passemos em claro toda a sua carreira no exército, na diplomacia, no mundo oficial, na vida social. Saltemos os lustros. Veio a segunda guerra mundial. A França não tinha em 1939 o moral de 1914. Rendeu-se e Petain tendo-se demitido o governo Reynaud, foi chamado às responsabilidades do poder. Tinha 82 anos. A França tivera nas batalhas 120 000 mortos e deixara nas mãos do invasor 2 milhões de prisioneiros. Em 17 de Junho de 1940 Petain aceitou o armistício. Haviam-lhe entregado uma França vencida, não só militarmente, mas moralmente.

De Gaulle no Estrangeiro proclamava a resistência e no interior da França os incidentes e atentados da Resistência interna eram pretexto para tremendas represálias do ocupante. Entretanto Petain, o vencedor de Verdun, era obrigado a tratar com eles, para evitar o mal maior.

(Continua na 4.ª página)

Comissão de Melhoramentos das Bairradas

13.ª LISTA DE DONATIVOS

Saldo anterior	41 867\$00
Manuel da Silva José (Bairradas)	1 000\$00
António José da Silva (idem)	1 000\$00
Manuel da Silva Rodrigues (idem)	500\$00
Bernardino da Conceição Martins (idem)	150\$00
António Conceição Soares (idem)	100\$00
Fernando Domingos David (idem)	100\$00
Isidro Simões (idem)	50\$00
Henrique Medeiros (S. Tomé)	50\$00
A transportar	44 817\$20

Agradece a Comissão de Melhoramentos das Bairradas a todas as pessoas que fizeram as suas ofertas para quando do início das obras, que as mesmas poderão ser entregues a qualquer um dos membros da mesma Comissão, pois que, as referidas obras estão já em andamento.

Figueiró dos Vinhos, 1 de Junho de 1966.

A COMISSÃO

Ser Agricultor não é ter vocação para o martírio

Nunca como nos nossos dias se falou tanto em melhorar a situação precária dos homens que se dedicam aos trabalhos do campo.

Já era tempo, visto que a lavoura é, sem dúvida, o maior factor a concorrer para o bem-estar dos povos. Por isso mesmo, é necessário assegurar às populações rurais aquele mínimo que os demais homens desejam do seu trabalho honrado, para não se sentirem mal na vida.

Não se trata apenas do aspecto material e técnico, mas também do plano espiritual e da necessidade que há em proporcionar justo prazer, conforto moral e físico aos trabalhadores rurais.

Ruralidade não significa ausência de comodidade nem sacrifício obrigatório, incondicionado, carência de sensibilidade para as coisas boas da vida e falta de apego aos gostos sãos que ela possa dar. Ser agricultor, não é ter vocação para o martírio.

Pelo contrário: num país que olhar a sério para os seus problemas rurais, o homem do campo aparecerá como expoente de perfeita sanidade do corpo e da alma, apto, portanto, a cumprir e a desempenhar as tarefas mais difíceis, porque o ambiente em que despertou para a vida é mais puro mais saudável, mais rico de sugestões belas, mais fértil em lições de vitalidade, de singela elevação e amor às coisas naturais.

Por isso mesmo se deve encerrar o pequeno agricultor no seu enquadramento rústico, de modo a assegurar-se-lhe o necessário, para que não se venha a sentir mal e não deseje mudar. Caso contrário, ele olhará a sua existência como se ela fora um pesado fardo, quase uma maldição, e daí o desejo de fugir-lhe. Não sendo atendido nas suas mínimas aspirações, olhará a sua profissão como qualquer coisa de indigno, pois nem sequer lhe é dada uma satisfação igual aos outros.

Ao pequeno lavrador falta muita coisa no bom sentido, e, como é bom e passivo, limita-se a largar o pedaço de terra e a correr para a cidade em busca de melhor sorte, ou então apaga-se, humilde e resignadamente, na sua pobreza. Tudo isso, por não encontrar, no meio em que nasceu, aquilo que os outros desfrutavam na cidade.

Daí é que lhe vem a percepção de que o trabalho no campo é inferior ao da cidade, pois tudo lhe falta, até electricidade, até boas estradas e meios de condução fáceis para atingir os mercados consumidores, sem intermediários.

Por estas e outras razões é que os homens do campo fogem para a cidade, convencidos de que será sempre melhor o mal que lhes possa suceder noutros horizontes...

BAPTIZADO

Celebrou-se, ontem, na Igreja Matriz da nossa vila, o baptizado do menino João Manuel Pimenta Vitorino, filho da Sr.^a D. Gracinda Coelho Pimenta Vitorino e do Sr. João Dias Vitorino, guardafios e nosso prezado assinante, do Casal de Santo António das Bairradas.

Apadrinharam o acto a Menina Maria Coelho Pimenta e o Sr. Manuel Coelho Pimenta.

Ao novo cristão apeteçamos as maiores felicidades.

Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos

assistirem a esta manifestação de fé regionalista a que se associaram com palavras amigas e protestos de solidariedade.

À imprensa foram também consagradas algumas palavras de reconhecimento, sendo postos em realce o valor e a importância que tem a sua acção como divulgadora das necessidades dos povos rurais e impulsadora dos empreendimentos e iniciativas de quem, sob a égide do Regionalismo, luta pelo progresso desses povos com amor e carinho, muito para ter em conta da parte dos poderes públicos.

O General PETAIN

Quando acabaria a guerra? A Alemanha parecia poderosíssima. Petain recomendava aos seus funcionários do governo de Vichy que quando tivessem de receber ou ser recebidos pelo ocupante, levassem na esquerda uma pasta com documentos e na direita, respeitosamente, o chapéu. Era a maneira de não terem de lhes apertar a mão. Os franceses que colaboraram com eles, ou, se suspeitava que o tivessem feito, eram mortos nos tumultos populares ou condenados à morte nos tribunais militares. Petain, culpado de haver recebido uma França derrotada, foi condenado à morte.

De Gaulle, então onnipotente comutou em prisão perpétua a condenação do seu antigo mestre, o Vencedor de Verdun, aquela batalha em que a vitória custou à França 700 000 vidas, comandadas por Petain. Foi o glorioso soldado levado para a prisão da ilha de Yeu, no Golfo da Biscaia. Sua mulher instalou-se num hotel vizinho e todos os dias ia visitar seu marido, quase nonagenário. Alimentava-se ele de rancho de soldado e tinha de fazer a limpeza da sua cela, pois não lhe era lícito ter impedido. Quando estava muito fraco fez-se em França um movimento para que fosse concedida a amnistia ou pelo menos lhe permitissem cumprir a pena em sua casa. Nada disso foi dado e menos dum mês antes da sua morte é que lhe permitiram ser removido para uma casa particular na Ilha. Mas não houve licença para trasladar o seu cadáver para o continente.

Agora foi comemorado em Verdun o cinquentenário da batalha que Petain ganhou. De Gaulle assistiu às comemorações. Lá estiveram cerca de 15 000 sobreviventes da batalha. Estiveram também alemães.

Esperavam os admiradores de Petain que agora fosse permitido remover os seus restos para o ossário de Douaumont, onde estão os restos de cerca de 100 000 combatentes caídos na defesa daquela fortaleza da França. Seria como a reabilitação do marechal. Mas no discurso que De Gaulle proferiu em Verdun, De Gaulle disse categoricamente que ali repousariam só os restos dos soldados mortos caídos em Verdun. E a ossada do marechal continuou na Ilha do Golfo da Biscaia. No seu discurso, todavia, De Gaulle disse que os erros e hesitações do seu governo após 1940 não cerceavam a sua glória de Verdun. E mais disse que a memória daquela tremenda batalha deve lembrar a franceses e alemães que é preciso viver em paz e sinceramente reconciliados. Isso é necessário em todo o Mundo. Realizar-se-á um dia?!

Muito desejáramos fazer larga referência a todos os oradores, como bem mereciam, mas em atenção à falta de espaço de que podemos dispor, somos obrigados, bem contra-vontade, a resumir esta reportagem.

Há no entanto uma passagem no discurso, brilhantíssimo, do Sr. Dr. Henrique de Lacerda, que não podemos omitir. É que S. Ex.^a não quis deixar de dirigir uma exortação a todos os naturais dos três concelhos da comarca, residentes em Lisboa, no sentido de se unirem para lutarem em prol do progresso regional, com eficiente actuação.

Lá estamos unidos — afirmou — e nós vimos trazer-vos uma mensagem de paz e amor, à qual esperamos que possam corresponder no próximo ano, impregnados do mesmo espírito de fraternidade para comemorarmos em Figueiró dos Vinhos o 30.^o aniversário desta colectividade.

Decorreu assim num ambiente de boa e cordial amizade, esta primeira parte das comemorações do 29.^o aniversário da colectividade.

Depois à noite, sob a direcção do seu ilustre fundador, Sr. Dr. Herlander Machado, exibiu-se, com o habitual agrado da numerosa assistência, o simpático Rancho Folclórico do Coentral.

E assim se passou um grande dia que fica a assinalar, nos anais desta Casa Regional, uma data memorável.

DIAS PEREIRA

BALCÃO
PARA CAFÉ OU MERCEARIA
com três vitrines expositoras,
em óptimo estado
VENDE-SE
Informa-se nesta Redacção
ou no Café Novo Horizonte
em Figueiró dos Vinhos.

Só uma lâmpada...

Não são muito exigentes os moradores da nova rua atrás do Hospital!...

Apenas desejam que a Câmara, sempre pronta a atender as solicitações dos seus munícipes, por vezes e quase sempre de bem maior importância, mande colocar uma lâmpada eléctrica na «Encruzilhada dos Castanheiros».

Local famoso na medida em que a palavra «encruzilhada» convidava à prática de benzeduras e mezinhas em tempos antigos e ainda hoje repetida pelas tradicionalistas, sempre se associa à ideia das gentes que por ali passam e moram a impressão das coisas sobrenaturais... causadora de calafrios e receios que aquela escuridão mais avoluma!

Mas não é aqui que se funda a razão que, efectivamente, assiste aos pacatos moradores da zona dos Castanheiros. Eles são mais realistas: queixam-se das muitas probabilidades de partirem uma perna nas valetas fundas e buracos que para lá existem, ou das suas residências e haveres serem motivo de cobiça dos amigos do alheio. Também sabem que a Câmara está a proceder à remodelação eléctrica da vila e que, mais tarde ou mais cedo, receberão os largos benefícios dessa obra.

Por outro lado, porém, não acreditam na impossibilidade de se despendem alguns metros de fio para colocação da almejada lâmpada, até que não chega a

O maior Romancista Português

Ao iniciar-se o mês de Junho surge inevitavelmente a evocação dramática e ao mesmo tempo gloriosa do nome excelso de Camilo Castelo Branco.

E' uma devoção puramente literária que vale como límpido refrigerio contra as mil e uma barbaridades cometidas, na roda do ano, em desfavor da língua materna, por espiritos levianos e menos ilustrados, apostados em deslustrar o riquíssimo e inesgotável filão da nossa cultura.

O dia primeiro de Junho relembra-nos a data trágica que — há setenta e seis anos — deu término à carreira brilhantíssima e não menos accidentada do maior romancista português.

A memória do escritor é louvável sempre, mas importa que o seu culto seja acompanhado do testemunho vivo e actuante da leitura atenta e devotada da sua obra.

Importa, basilarmente, a divulgação constante das suas melhores páginas — aquelas que traduzem a grandeza total do seu génio criador, de renovador pulcro e singular da língua que falamos e devemos, em homenagem e respeito aos mestres, defender e propagar, como oiro da lei.

Relembrar Camilo é pois um acto de fé nas magníficas inesgotáveis virtualidades do nosso idioma.

Ao acaso da nossa sensibilidade recordamos, no momento, trechos de uma página famosíssima do autor incomparável das *Novelas do Minho* e que, de curso, transcrevemos.

«Eu é que conheço a Samardã, desde os meus onze anos. Está situada na província transmontana, entre as serras do Mesio e do Alvão. Nas noites nevadas, as alcateias dos lobos descem à deia e sebam a sua fome nos rebanhos se vingam descancelar as portas dos currais; à língua de ovelhas, comem um burro vadio ou dois conforme a necessidade.

Manifesto de existências de VINHOS

Todos os vinicultores são obrigados a manifestar, até ao dia 10 dos meses de MARÇO e de JULHO, do corrente ano, os *vinhos e aguardentes vinicas existentes em adega no dia 1 desses meses*.

As declarações são feitas em *boletins impressos, de modelo próprio*, preenchidos em triplicado, que se encontram nos Grêmios da Lavoura, e devem mencionar, separadamente, as quantidades *vendidas* (mas ainda existentes em adega por conta do comprador) e *por vender*, de:

Vinhos Brancos
Vinhos Tintos
Vinhos Licorosos
Abafados ou Geropigas
Aguardentes vinicas (de 76° a 78°)
Aguardentes Bagaceiras

e serão entregues, devidamente assinadas, nos Grêmios da Lavoura, até *àquelas datas*.

E' indispensável, que os vinicultores não deixem de manifestar as existências e que o façam com verdade, visto que a falta ou inexactidão das declarações somente lhes poderá ocasionar prejuízos.

providência definitiva.

Esta pretensão é tão justa e tão modesta que, temos a certeza, vai ser satisfeita com a brevidade e eficiência costumadas.

Se não topam alimária, uivam lugubrememente e embrenham-se nas gargantas da serra, iludindo a fome com raposas ou gatos bravos marasmados pelo frio. Foi ali que eu me familiarizei com as bestas-feras; ainda assim topei-as depois, cá em baixo, nos matagais das cidades, tais e tantas que me enriqueceram os cabelos.

«Na vertente da montanha que dominava a Samardã, havia um fojo — uma arca de muro tosco de calhaus a esmo onde se expunha à voracidade do lobo uma ovelha tinnosa. O lobo, engodado pelos balidos da ovelha, vinha de focinho a farejar. Assim que dava tento da presa, arrojava-se de um pincho para o cerrado. A rês expedia os derradeiros berros fugindo e furtando as voltas ao lobo, que ao terceiro pulo lhe cravava os dentes no pescoço e atirava com ela escabujando sobre o espinhaço; porém, transpor de salto o muro era-lhe impossível, porque a altura interior fazia o dobro da externa. A fera compreendia então que fora lograda; mas em vez de largar a presa, e aliviar-se da carga, para tentar mais escoteira o salto, a estúpida sentava-se soa a ovelha e, depois de a esfolar, comia-a. Presenciei duas vezes esta carnagem em que eu — animal racional — levava vantagem ao lobo tão somente em comer a ovelha assada no forno com arroz».

Através da leitura do trecho transcrito como que se vislumbra o perfil mental e moral de Camilo — a sua fidelidade à terra, a sua maravilhosa vernaculidade, o seu temperamento sarcástico nimbado da mais cristalina e doce poesia.

F. F.

José João Nunes

Chegou recentemente à Metrópole, onde vem em gozo de merecida licença, o nosso prezado Amigo e assinante Sr. José João Nunes, funcionário superior da Câmara Municipal da Beira — Moçambique.

Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos de boas-vindas e apeteçamos uma estadia reconfortante.

Nascimento

No dia 30 do passado mês, a Sr.^a D. Fernanda Nunes Bandeira, esposa do nosso prezado assinante Sr. Fernando da Conceição Mendes, de Fontão Fundeiro, deu à luz um robusto menino.

Com os nossos parabéns para os pais, desejamos ao neófito um futuro muito venturoso.

AGRADECIMENTO

Beatriz da Graça Pais, de regresso de Coimbra, aonde foi sujeita a uma intervenção cirúrgica, na Clínica de Santa Teresa, vem por este meio agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que se interessaram pelo bom resultado da mesma, visitando-a naquela Clínica e em sua casa, nesta Vila.

António Luís Coelho

Este nosso prezado assinante, residente na Beira — Moçambique, teve a amabilidade de, por intermédio do Sr. José João Nunes, liquidar a assinatura do nosso jornal.

Com os nossos melhores agradecimentos, desejamos-lhe as maiores prosperidades.